

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

Mercado de trabalho

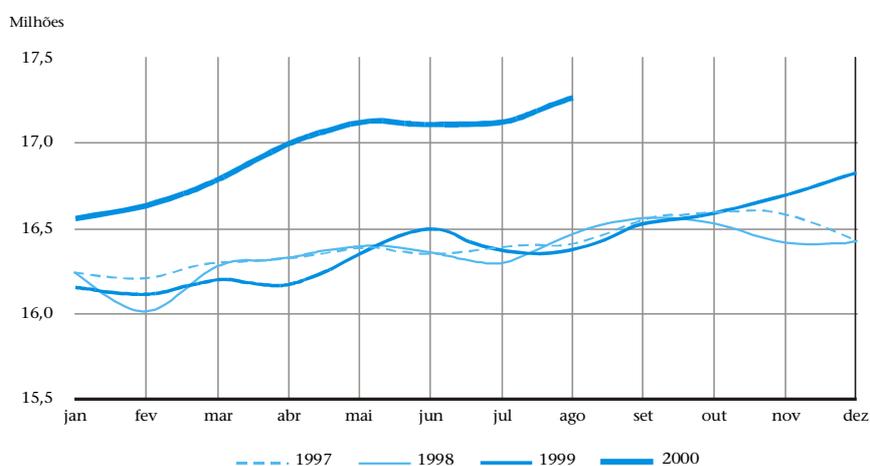
Os dados levantados nas seis regiões metropolitanas cobertas pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE¹, referentes ao mês de agosto, mostraram novo crescimento da ocupação. Com isso, o nível de emprego apresentou uma variação acumulada de 5,7%, quando considerados os últimos 12 meses (de agosto/1999 a agosto/2000), o que caracteriza uma trajetória de expansão bastante significativa, somente comparável, e ainda assim com vantagem, ao período imediatamente posterior ao lançamento do Plano Real. Esse crescimento, vale lembrar, representa a geração de quase 1 milhão de novos postos de trabalho (cerca de 930 mil) nos últimos 12 meses, contribuindo para a recuperação de boa parte das oportunidades que foram perdidas entre 1996 e meados de 1999, período em que a ocupação

praticamente ficou estagnada, conforme fica bastante claro no gráfico abaixo.

Embora as perspectivas até o final do ano sejam no sentido de que a economia continue operando em um nível elevado de atividades, o que significa que a demanda por trabalho tende a manter-se aquecida, a taxa de crescimento da ocupação, numa base anual, deverá sofrer uma desaceleração, já que os níveis correntes passarão a ser comparados com os níveis do final do ano passado, período em que os resultados do presente dinamismo já tinham começado a se manifestar. Não obstante, parece estar praticamente garantido para este ano um resultado recorde em termos de geração líquida de postos de trabalho.

1. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife.

GRÁFICO 1
BRASIL - NÍVEL DE OCUPAÇÃO METROPOLITANO (PME/IBGE)



Fonte: Elaboração própria.

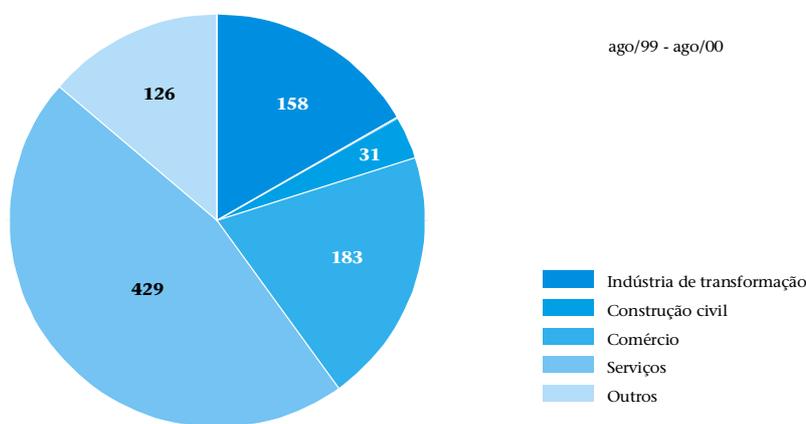
Um aspecto positivo nessa evolução da ocupação tem sido o desempenho do emprego observado no setor industrial, que, ao contrário do padrão que lhe foi característico ao longo da década que ora se encerra, passou também a crescer. De fato, como pode ser apreciado na Tabela A.2.6 do Anexo Estatístico, enquanto de 1991 até 1999 foram perdidos, pela indústria de transformação, considerando-se as médias anuais, cerca de 750 mil postos de trabalho (ou seja, quase 21% do volume de emprego existente no início da década), entre agosto do ano passado e agosto deste ano foram gerados, em termos líquidos, em torno de 153 mil postos a mais, o que representa uma taxa de crescimento de 5,96%, ligeiramente superior, inclusive, à média observada para o conjunto da ocupação nesse mesmo período de 12 meses. Também é auspiciosa a taxa de crescimento observada no comércio, da ordem de 7,5%, significativamente maior do que a média, ambos os resultados mostrando que o atual ritmo de retomada da ocupação está calcado em um dinamismo real da atividade econômica.

No que se refere à distribuição regional desse crescimento, o destaque é a região metropolitana de Salvador que mostra uma variação positiva de 7,5%, quando os dados de janeiro a agosto deste ano são comparados com o ocorrido em igual período de 1999. No outro extremo estão Recife (3%) e

Rio de Janeiro (2,1%), embora ainda com resultados que podem ser considerados excelentes.

Apesar dessa recuperação do nível de ocupação, o mercado de trabalho metropolitano continua a mostrar taxas de desemprego elevadas, embora decrescentes, com esse indicador revelando uma inércia de certa forma esperada (ver Gráfico 3). Com efeito, as variações da taxa de desemprego dependem não apenas do que acontece com o nível de ocupação, mas também de como se comporta a oferta de trabalho, que é expressa por meio dos valores assumidos pela PEA. Como vem sendo frisado neste *Boletim*, a partir da retomada do nível de atividades, em meados do ano passado, a PEA vem mostrando um crescimento próximo ao que ocorre com a ocupação, como consequência da maior atratividade do mercado de trabalho. Para que se tenha uma idéia melhor do paralelismo da evolução dessas duas variáveis, tomando-se os oito primeiros meses deste ano, em comparação com janeiro/agosto do ano passado, o crescimento da PEA, de 4,18%, é apenas 0,15 ponto percentual inferior ao da ocupação (4,33%). O fato de esse crescimento da PEA ser bastante superior ao ritmo de expansão demográfica da PIA reflete o aumento da taxa de participação, ou taxa de atividade, decorrente da maior atratividade do mercado de trabalho.

GRÁFICO 2
BRASIL - CRESCIMENTO DA OCUPAÇÃO METROPOLITANO (PME/IBGE) - em milhares



A questão que naturalmente se coloca, então, é a de saber se a PEA continuará a mostrar esse mesmo dinamismo, acompanhando tão de perto as taxas de crescimento da ocupação e impedindo, assim, que a taxa de desemprego apresente valores mais condizentes, pode-se dizer, com o volume de postos de trabalho que estão sendo gerados na economia. Nesse sentido, a observação da taxa de participação mostra que ela ainda se encontra em níveis inferiores aos vigentes em 1996, último ano antes do início do processo de desaceleração da demanda (ver Tabela A.1.6. no Anexo Estatístico). Isso mostra que há espaço para que a PEA continue a crescer a taxas ainda um pouco elevadas e que, possivelmente, serão necessários mais alguns meses de aumento sustentado da ocupação para que seu impacto sobre a taxa de desemprego seja mais evidente.

Mesmo ainda não ocorrendo quedas expressivas da taxa de desemprego, pode-se considerar, com base nos comentários acima, que, mantendo-se as atuais tendências da economia, é uma questão de tempo para que também esse resultado venha a ocorrer. O mesmo, contudo, não pode ser dito para o desempenho que o mercado de trabalho vem tendo em termos da evolução da informalidade.

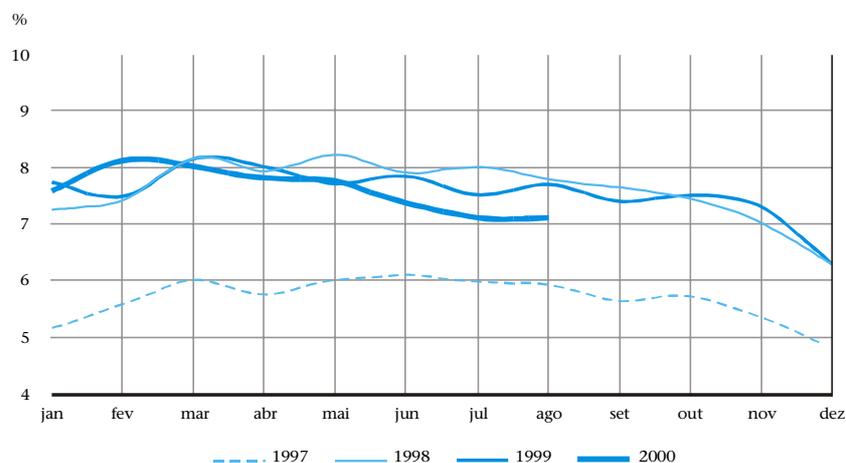
A evolução da informalidade vem se constituindo, de fato, na maior preocupação sus-

citada pelo mercado de trabalho desde que a presente recuperação da ocupação se iniciou. De fato, segundo a PME, dos cerca de 930 mil postos gerados nos últimos 12 meses, aproximadamente 570 mil (mais de 61%) o foram em ocupações sem carteira de trabalho assinada, o que significa uma taxa de crescimento de 13,4% sobre os níveis de agosto do ano passado, taxa esta que deve ser comparada com os 4,3% de crescimento da ocupação como um todo para que a dimensão atual do problema possa ser melhor apreendida.

Não obstante essa concentração dos novos postos em posições sem carteira assinada, deve-se estar atento também para o fato de ter havido um crescimento de certa forma expressivo nas ocupações formais. Na realidade, a taxa de variação dessas ocupações, (2,4%, entre agosto/1999 e agosto/2000) é maior que a taxa de crescimento da PIA, o que quer dizer que se a ocupação total não estivesse crescendo a um ritmo tão forte, o mercado de trabalho poderia estar dando conta da absorção dos novos contingentes demográficos sem haver uma deterioração no panorama da informalidade.

Salvo mudanças totalmente imprevistas na conjuntura, deve-se fechar o ano, portanto, com um aumento desse tipo de contratação que será superior, inclusive, ao verificado em 1995, único ano desta década em que a va-

GRÁFICO 3
BRASIL - TAXA DE DESEMPREGO METROPOLITANO (PME/IBGE)



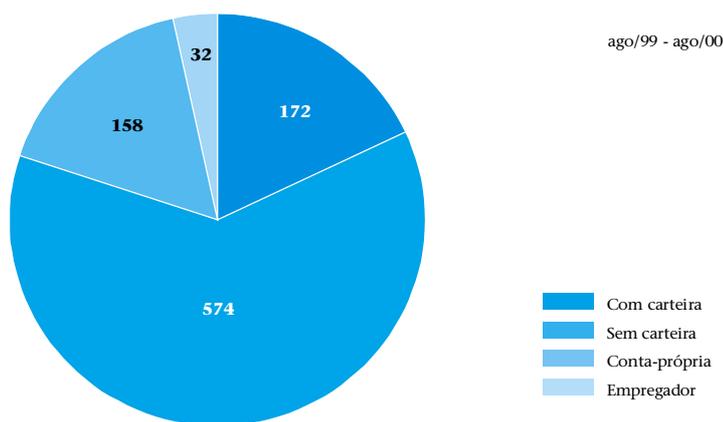
Fonte: Elaboração própria.

riação do emprego formal foi positiva. Isso, de certa forma, é um incentivo a um aprofundamento da reflexão e dos esforços voltados para a melhoria da qualidade das ocupações, a qual, estando garantida uma expansão consistente da demanda, torna-se o principal desafio colocado pela realidade do mercado de trabalho brasileiro.

Além das questões relativas ao grau de informalidade do mercado de trabalho, também a evolução dos rendimentos vem se tornando objeto de crescente preocupação, na medida em que essa variável está demoran-

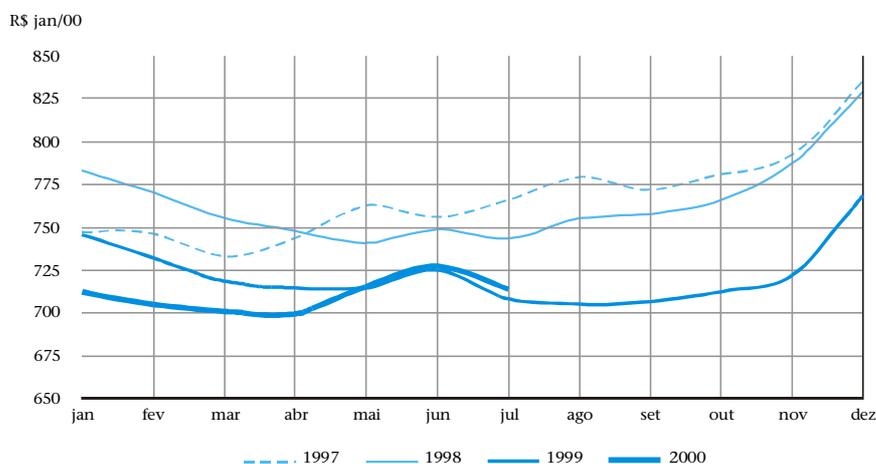
do a reagir à retomada do nível de ocupação. Os dados relativos ao mês de julho mostram uma queda de 1,9% nos rendimentos reais médios metropolitanos, em relação ao mês anterior, embora esse seja o terceiro mês consecutivo em que os resultados deste ano apresentam-se ligeiramente superiores aos de 1999. Até o final do ano as perspectivas são no sentido de um crescimento de caráter sazonal dos rendimentos reais, ao qual as condições favoráveis da economia podem acrescentar um impulso adicional, de forma a estreitar a defasagem existente entre os níveis atuais e os vigentes em 1997.

GRÁFICO 4
BRASIL - CRESCIMENTO DA OCUPAÇÃO METROPOLITANO (PME/IBGE) - em milhares



Fonte: Elaboração própria.

GRÁFICO 5
BRASIL - RENDIMENTO REAL MÉDIO METROPOLITANO (PME/IBGE)



Fonte: Elaboração própria.